

# População vive sob ameaça de deslizamentos

**A** até mesmo construções de alto padrão estão expostas ao rolamento de pedras dos morros

Luciano Rangel

A lição deixada pela tragédia do Morro do Macaco, que em janeiro de 1985 que totalizou 50 mortes com mais de 100 famílias desabrigadas devido ao deslizamento de 500 toneladas de pedras, parece não ter sido suficientemente compreendida.

Hoje, seis anos depois da tragédia, moradores de pelo menos 12 morros em diversas regiões de Vitória estão sob a ameaça real de deslizamentos. Apesar de interditado pela prefeitura, já que há possibilidade de ocorrer deslizamento de pedras de uma hora para outra, o próprio Morro do Macaco, que fica no bairro de Tabuazeiro, voltou a ser ocupado.

Dezenas de famílias continuam morando no local onde ocorreu a tragédia e argumentam que não têm para onde se mudar. A Prefeitura de Vitória, por sua vez, não consegue realizar todas as obras de contenção de encostas e o perigo continua.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o deslizamen-

to das encostas não ameaça apenas as famílias que moram em casebres e barracos nos morros.

No bairro Santa Cecília pelo menos 80 famílias de classe média que moram em casas confortáveis na altura da rua Guadalajara e da antiga avenida Maruípe estão ameaçadas pelo deslizamento das pedras que ficam no Morro do Rio Branco ou do Museu, como é mais conhecido pelos moradores.

“Se essas pedras despencares, vão descer levando todas as casas até a antiga avenida Maruípe”, alertou até com um certo bom humor Almir Aires, morador do local.

Ele contou que já foram feitas várias reclamações à prefeitura, mas até hoje não foram realizadas as obras de contenção das encostas do morro, que tem sete grandes pedras com ameaça real de deslizamento.

Os moradores disseram que o medo é maior nos períodos de chuva porque, ainda que inconscientemente, sabem que mau tempo e pedras rolando são fenômenos associados.

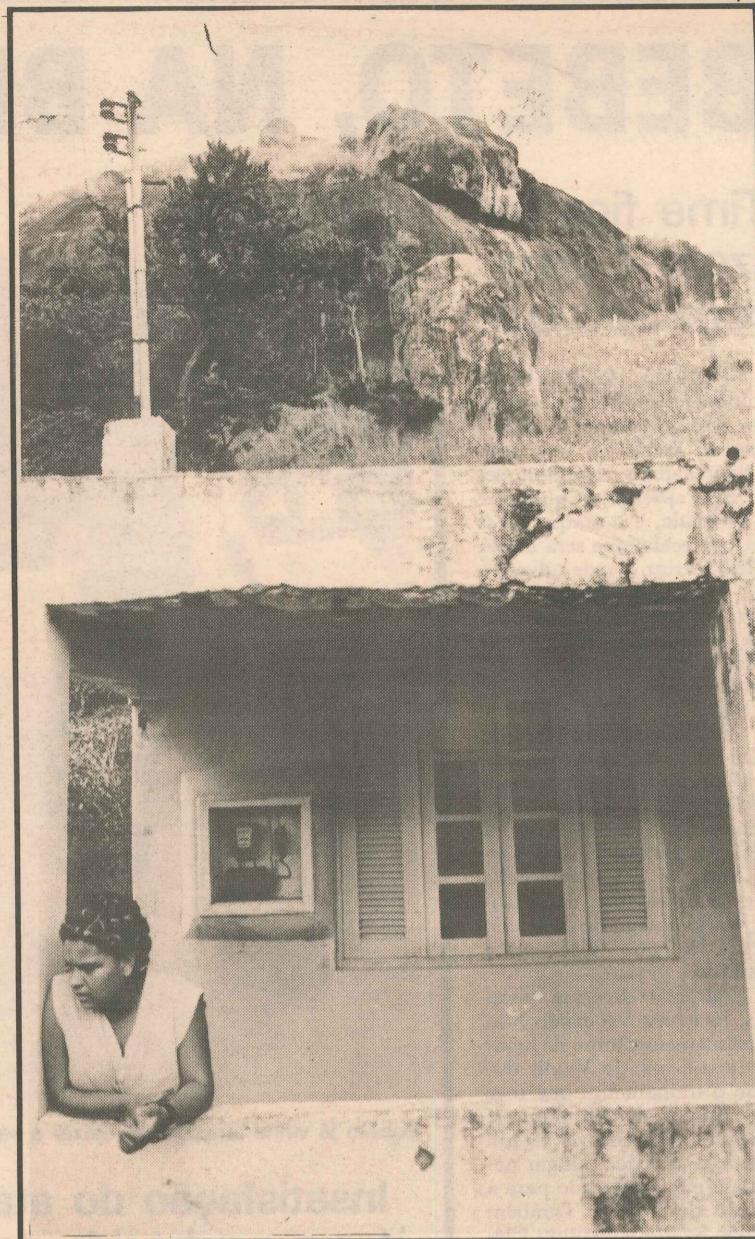
A prefeitura admite que em quase todos os morros de Vitória pedras ou barreiras podem rolar. O levantamento feito pela Secretaria Municipal de Obras (Semob) já diagnosticou o problema em pelo menos 12 morros. Entre eles o recordista é o Morro do Moscoso, que tem nove pedras que ameaçam rolar a qualquer momento.

As obras de contenção são consideradas caras e os estudos de viabilidade acabam envolvendo muita polêmica. Só as obras de contenção do Morro do Macaco estão orçadas em Cr\$ 90 milhões e a prefeitura ainda está fazendo estudos para saber se há validade em executá-las.

“Estamos lidando com dinheiro público e o contribuinte tem o direito de saber se é mais barato indenizar as famílias que moram no local para que se mudem para outros bairros ou construir muros de arrimo, que são obras dispendiosas”, justificou o coordenador do recém-criado Programa Contenção das Encostas de Vitória, Humberto Vello.

Ele argumentou ainda que se não houver discussão corre-se o risco de gastar milhões para conter uma pedra que ameaça desabar sobre uma única família que se recusa a se mudar do local.

Dos 12 morros que têm o risco de deslizamento de pedras e barreiras, apenas três (Bonfim, Comdusa e Santa Tereza) estão com obras previstas pelo orçamento da prefeitura para este ano.



Em Santa Cecília 80 famílias correm risco de vida

## Locais de maior risco

- Morro do Moscoso no centro da cidade, próximo à praça Misael Pena. Nove pedras ameaçam rolar no local.
- Morro da Fonte Grande também no centro próximo às ruas Sete de Setembro e Graciano Neves. Três pedras ameaçam rolar.
- Morro do Rio Branco em Santa Cecília próximo ao antigo trajeto da avenida Maruípe. Sete pedras ameaçam rolar.
- Morro de Santa Tereza em Santo Antônio. Ali três pedras ameaçam rolar sobre os moradores.
- Morro do Forte São João. Três pedras ameaçam deslizar.
- Morro do Macaco em Tabuazeiro, cenário da tragédia que em 1985 matou 50 pessoas e deixou 100 famílias desabrigadas. O local está interditado porque várias pedras continuam ameaçando deslizar.

Fonte: Prefeitura de Vitória.

## Reflorestamento é uma das soluções

O reflorestamento dos morros é uma das saídas apontadas pelos técnicos para conter o deslizamento das encostas. É que as escavações e os desmatamentos são as principais causas apontadas para explicar o grande número de pedras que ameaçam rolar nos morros de Vitória.

O programa de reflorestamento das encostas que funciona há cerca de dois anos através de um con-

vênio entre a Prefeitura de Vitória e a Companhia Vale do Rio Doce repovoou os morros de Vitória com 81 mil mudas árvores nativas e exóticas à região.

“O projeto de replantio chegou a ficar estacionado por seis meses porque houve a necessidade de se fazer a manutenção das áreas repovoadas”, conforme explicou o engenheiro agrônomo Maurice Barcelos da Costa que trabalha no Departamento de Recursos Naturais da PMV.

Algumas áreas contempladas pelo reflorestamento já se tornaram verdadeiros bosques e alteraram a paisagem das encostas como é o caso do morro atrás da antiga fábrica de fiação e tecelagem de juta em Jucutuquara.

Ali as árvores já atingem mais de 1,5 metro de altura e suas raízes contribuem para reter a terra que,

quando desliza devido principalmente às chuvas, tira o calço das pedras que acabam rolando.

No projeto estão sendo utilizadas, além das árvores nativas como jequitibás, macaúbas e ipês, árvores leguminosas como as acácias e as frutíferas como abacateiros e mangueiras.

Os técnicos alertam entretanto que esses programas de nada adiantam se não houver a conscientização da população sobre riscos de fazer escavações, retirar a vegetação ou desviar os cursos naturais de escoamento da água da chuva.